

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 A educação no Brasil e no mundo [recurso eletrônico] : avanços, limites e contradições 5 / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020. – (A Educação no Brasil e no Mundo. Avanços, Limites e Contradições; v. 5)

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-85-7247-935-6
 DOI 10.22533/at.ed.356201701

1. Educação. 2. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ítaca

Se partires um dia rumo à Ítaca

Faz votos de que o caminho seja longo repleto de aventuras, repleto de saber.

Nem lestrigões, nem ciclopes, nem o colérico Posidon te intimidem!

Eles no teu caminho jamais encontrarás.

Se altivo for teu pensamento

Se sutil emoção o teu corpo e o teu espírito tocar

Nem lestrigões, nem ciclopes

Nem o bravio Posidon hás de ver

Se tu mesmo não os lewares dentro da alma

Se tua alma não os puser dentro de ti.

Faz votos de que o caminho seja longo.

Numerosas serão as manhãs de verão

Nas quais com que prazer, com que alegria

Tu hás de entrar pela primeira vez um porto

Para correr as lojas dos fenícios e belas mercancias adquirir.

[...] Tem todo o tempo Ítaca na mente.

Estás predestinado a ali chegar.

Mas, não apresses a viagem nunca.

Melhor muitos anos lewares de jornada

E fundeares na ilha velho enfim.

Rico de quanto ganhaste no caminho

Sem esperar riquezas que Ítaca te desse. [...]

(KAVÁFIS, 2006, p. 146-147)

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que

atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos.

A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter de identidade, resistente à homogeneização cultural. A escola pode causar novas

impressões, pode abrir seu espaço para novos diálogos e conversações.

É preciso, no entanto, despertar esta relação, desacomodar-se do que é imposto. Muitos são os fatores que teimam em desmotivar, no entanto, está longe desta ser a 90 solução para um sistema educacional que precisa de maneira urgente ser repensado. Ao acompanhar a ação nestas escolas, foi impressionante observar como a movimentação contagiava todos, até mesmo aos que observavam a movimentação e curiosos passavam pelo espaço, alunos de outras turmas apareciam para ajudar e tudo era visto com grande expectativa. Os alunos que participaram do processo aparentavam estar realmente coletivamente envolvidos, e isso pode ser observado nos depoimentos. O movimento observado na montagem, na realização da exposição e na ação educativa foi surpreendente e demonstra que a escola carrega realmente consigo algo muito precioso, que é pouco valorizado, o cotidiano real, o qual não está incluso em documentos, a parte viva da escola.

A presente ação demonstrou que a escola pode tomar rumos diferentes dos quais ela é designada pelo sistema. Aponta que um destes caminhos é apostar nos processos de mediação cultural que partam do cotidiano dos sujeitos que constituem este espaço. Assim, os processos de mediação cultural atrelados ao conceito de cotidiano não documentado atuam como exercício de partilha do sensível e colaboram na formação da práxis de um pensamento artístico e cultural. Esta concepção aqui analisada remete à tomada de uma nova postura frente ao ensino da arte e a concepção de espaço escolar assinala à construção de narrativas que possam contribuir para a construção de uma escola menos determinista e mais humanitária. Ao se realizar uma ação como esta proposta, o espaço escolar permite uma participação ativa e democrática entre seus autores, possibilitando a troca de vivências e experiências na comunidade escolar, promovendo um diálogo que potencializa a produção cultural dos alunos. A mediação dos trabalhos pelos alunos foi, segundo os depoimentos, algo muito rica e satisfatória para eles, os quais se mostraram maravilhados ao poderem partilhar de suas criações e apresentá-las à comunidade escolar.

Na ação educativa os alunos mediam o processo criativo e estes momentos de mediação, em absoluto, se configuraram como exercícios de partilha do sensível, que carregados de significados possibilitam a troca e o contato com o outro. Diante do que aqui se faz exposto, nada se tem a concluir como algo pronto e acabado, assim o que se faz é concluir uma etapa, que se transformará em múltiplas possibilidades de novos fazeres, desta teia de retalhos cabe, por agora, apreciar a parte que foi tecida e refletir, para sem muito tardar, sair em busca de outros retalhos que possa quiçá, um dia, tornar-se uma trama densa da práxis educativa e artística.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SEXUALIDADE, DISCURSO TRADICIONAL E RESISTÊNCIA: UM EMBATE ENTRE FEMINISMO E A FAMÍLIA POR UMA ÓTICA FOUCAULTIANA	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Heitor Messias Reimão de Melo Paulo Rennes Marçal Ribeiro Maria Regina Momesso Débora Cristina Machado Cornélio Andreza de Souza Fernandes Monica Soares Carlos Simão Coury Corrêa Valquiria Nicola Bandeira	
DOI 10.22533/at.ed.3562017011	
CAPÍTULO 2	20
INGRESSO DE JOVENS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: EXPERIÊNCIAS DE ACOLHIMENTO	
Itagiane Jost Marcele Homrich Ravasio	
DOI 10.22533/at.ed.3562017012	
CAPÍTULO 3	32
ISOMERIA <i>CIS-TRANS</i> : EMPREGO DE PALAVRAS CRUZADAS COMO RECURSO DIDÁTICO	
Antônio Marcelo Silva Lopes Meyriãne Silva Lopes Sérgio Bitencourt Araújo Barros Francisco de Assis Araújo Barros	
DOI 10.22533/at.ed.3562017013	
CAPÍTULO 4	43
LEI DOS GRANDES NÚMEROS: DEMONSTRAÇÃO APLICADA AO ENSINO	
Julia Pereira Manenti Ana Cristina de Castro Zedequias Machado Alves	
DOI 10.22533/at.ed.3562017014	
CAPÍTULO 5	46
LEITURA E ESCRITA ENQUANTO OBJETOS SIGNIFICATIVOS E AFETIVOS: TEORIA E EXPERIÊNCIA	
Raimundo Nonato de Oliveira Falabelo Elielton Brandão Serrão Paula Soares Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.3562017015	
CAPÍTULO 6	56
LESEX: LIGA DE EDUCAÇÃO SEXUAL	
Beatriz dos Santos Melo Beatriz Silva de Souza	

Carolina Habergriç Folino
Lucas Rodrigues Tovar
Thainá Gúlias Oliveira
Débora de Aguiar Lage

DOI 10.22533/at.ed.3562017016

CAPÍTULO 7 68

LETRAMENTO DIGITAL NO CURSO DE ARTESÃ E BORDADOS: UMA AÇÃO DE ESTÁGIO DENTRO DO PROGRAMA MULHERES MIL DO IFRN

Edna Maria da Silva Araújo
Edícia Mariana de Moura Pereira
Diego Silveira Costa Nascimento

DOI 10.22533/at.ed.3562017017

CAPÍTULO 8 82

LETRAMENTO NO ENSINO FUNDAMENTAL II: DA LEITURA EXTRACLASSE À PRODUÇÃO TEXTUAL

Adriana Ferreira de Souza

DOI 10.22533/at.ed.3562017018

CAPÍTULO 9 88

LIBERDADE DE EXPRESSÃO OU DISCURSO DE ÓDIO: TOLERAR OS INTOLERANTES?

Morgana Rodrigues
Anna Beatriz Brandelero Giacomini
Rodolfo Denk Neto

DOI 10.22533/at.ed.3562017019

CAPÍTULO 10 100

MATEMÁTICA E INCLUSÃO SOCIAL: CURSO BÁSICO PARA CONCURSO

Adriana de Oliveira Dias
Exayne Santos Mourão

DOI 10.22533/at.ed.35620170110

CAPÍTULO 11 105

MULTIPLICAÇÃO NA HORTA: UM MODELO DE PRÁXIS EDUCATIVA

Robson Damasceno da Silva
Maria Eliana Soares

DOI 10.22533/at.ed.35620170111

CAPÍTULO 12 110

NAS SAIAS DE IEMANJÁ: VOZES E SABERES POÉTICOS DO FEMININO NA EDUCAÇÃO SENSÍVEL UMBANDISTAS NA AMAZÔNIA

Denise Simões Rodrigues
Livia Cristina Fonseca de Araújo Faro

DOI 10.22533/at.ed.35620170112

CAPÍTULO 13	120
O CADERNO VIRTUAL NO CONTEXTO DE LIBRAS NA FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS	
Keila Moura Grassi	
DOI 10.22533/at.ed.35620170113	
CAPÍTULO 14	132
O ENSINO DA ARTE – UM DESAFIO NO ATUAL CONTEXTO	
Márcia Lenir Gerhardt Pedro Henrique Graeff Machado Mateus Silva do Carmo	
DOI 10.22533/at.ed.35620170114	
CAPÍTULO 15	143
O ENSINO DE QUÍMICA: UM OLHAR INVESTIGATIVO EM ALUNOS DE GRADUAÇÃO	
Tiago Barboza Solner Liana da Silva Fernandes Leonardo Fantinel	
DOI 10.22533/at.ed.35620170115	
CAPÍTULO 16	152
O LÚDICO COMO RECURSO METODOLÓGICO NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Vanussa Sampaio Dias da Silva Ingrid Cibele Costa Furtado	
DOI 10.22533/at.ed.35620170116	
CAPÍTULO 17	170
O LUGAR DAS DISCIPLINAS PEDAGÓGICAS NA FORMAÇÃO DOS LICENCIANDOS EM EAD	
Maria Letícia Cautela de Almeida Machado	
DOI 10.22533/at.ed.35620170117	
CAPÍTULO 18	182
O MÉTODO TOTAL PHYSICAL RESPONSE (TPR) NO ENSINO DE INGLÊS PARA CRIANÇAS (LIC): CONSIDERAÇÕES SOBRE A ATMOSFERA MOTIVACIONAL POSSIBILITADA	
Monique Vanzo Spasiani	
DOI 10.22533/at.ed.35620170118	
CAPÍTULO 19	198
O PIBID E O USO DOS RECURSOS DIDÁTICOS/TECNOLÓGICO NA SALA DE AULA	
Eronice Rodrigues Francisco Sandra R. Hermes dos Santos Sérgio S. S. Filho	
DOI 10.22533/at.ed.35620170119	

CAPÍTULO 20	203
O PROCESSO DE INCLUSÃO SOCIAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: O PAPEL DA INCLUSÃO DIGITAL	
Anderson Barros da Silva Geni Emília de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.35620170120	
CAPÍTULO 21	220
O PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO BÁSICA COMO SUJEITO CAPAZ DE INTERVIR NAS INJUSTIÇAS E PRECARIZAÇÕES DAS INFÂNCIAS, ADOLESCÊNCIAS E JUVENTUDES EMPOBRECIDAS	
Gabriela Fernanda do Carmo Janaína Augusta Neves de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.35620170121	
CAPÍTULO 22	235
O TRABALHO COM A GEOMETRIA PLANA NO ENSINO FUNDAMENTAL: EXPERIMENTAÇÕES COM MATERIAIS MANIPULATIVOS E RECURSOS TECNOLÓGICOS	
Natasha Inês Buche Carolina Hilda Schleger Jeverton Iedo Dorr Tanise da Silva Moura Vanessa Volkweis Rodrigues Elizangela Weber Mariele Josiane Fuchs Julhane Alice Thomas Schulz	
DOI 10.22533/at.ed.35620170122	
CAPÍTULO 23	245
O USO DE DIFERENTES ALTERNATIVAS PARA O ENSINO- APRENDIZAGEM EM BIOLOGIA	
Terezinha Tronco Dalmolin Márcia Lenir Gerhardt Pedro Henrique Graeff Machado	
DOI 10.22533/at.ed.35620170123	
CAPÍTULO 24	253
O USO DO LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE DIFERENTES FITOFISIONOMIAS EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO NO MUNICÍPIO DE DIAMANTINO-MT	
Caroline Xavier da Conceição Áquila Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.35620170124	
CAPÍTULO 25	259
PERCEPÇÃO DOS DOCENTES QUANTO A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Gislaine Maria Lente Franco Elisangela de Oliveira Silva Marinalva Pereira dos Santos	

Silvana Mara Lente
Odenise Jara Gomes
Solange Teresinha Carvalho Pissolato
Vania de Oliveira Silva
Elivania Toledo Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.35620170125

CAPÍTULO 26 268

PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE O ATRASO NA LEITURA E ESCRITA
DOS ALUNOS EM ANOS INICIAIS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL

Cecilma Miranda de Sousa Teixeira
Brauliene Araújo Neves
Francisco Hudson Coelho Frota

DOI 10.22533/at.ed.35620170126

CAPÍTULO 27 275

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO PARTICIPATIVO (PEP) SOB A PERCEPÇÃO
DISCENTE QUANTO AOS OBJETIVOS ESTRATÉGICOS VALIDADOS EM UMA
INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

Marinalva Pereira dos Santos
Solange Teresinha Carvalho Pissolato
Silvana Mara Lente
Vania de Oliveira Silva
Elisangela de Oliveira Silva
Odenise Jara Gomes
Elivania Toledo Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.35620170127

CAPÍTULO 28 288

PARA QUE SE ESCREVE NA ESCOLA?

Leonarlley Rodrigo Silva Barbosa
Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha

DOI 10.22533/at.ed.35620170128

CAPÍTULO 29 297

PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL DE
DISCENTES DOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS DO INSTITUTO FEDERAL
FARROUPILHA *CAMPUS* JAGUARI

Fernanda Lavarda Ramos de Souza
Ricardo Antonio Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.35620170129

SOBRE A ORGANIZADORA..... 307

ÍNDICE REMISSIVO 308

O ENSINO DA ARTE – UM DESAFIO NO ATUAL CONTEXTO

Data de aceite: 06/01/2020

Márcia Lenir Gerhardt

Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria

Santa Maria – Rio Grande do Sul/RS

Pedro Henrique Graeff Machado

Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria

Santa Maria – Rio Grande do Sul/RS

Mateus Silva do Carmo

Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria

Santa Maria – Rio Grande do Sul/RS

RESUMO: A arte é um tema que causa estranhamento quando é trabalhada e/ou discutida nos diferentes públicos. Em sala de aula é desafiador diante dos diferentes propósitos dos educandos. No Ensino Médio do Colégio Politécnico da UFSM, no Município de Santa Maria/RS, é perceptível a preocupação dos educandos em ter foco num processo seletivo para o Ensino Superior. Dessa forma, torna-se maior o desafio diante dos conceitos e pré-conceitos construídos historicamente na sociedade, sobre a importância das diferentes disciplinas trabalhadas durante a Educação Básica, em especial no Ensino Médio. Sendo assim, objetivou-se, nessa

discussão apresentar como ocorre o ensino da Arte no Ensino Médio no Colégio. O estudo é de cunho qualitativo, descritivo e realizado de forma colaborativa utilizando-se da observação para as análises e reflexões. A observação é realizada durante o período letivo, a cada aula e atividade trabalhada. A presente discussão se ampara em Freire (1996), Rios (2003), Barbosa (2005) entre outros. As aulas são amparadas teoricamente em diferentes autores. Buscam-se artigos da área das artes e das demais áreas do conhecimento. Os resultados, desse tipo de trabalho desenvolvido, mostram a formação de adolescentes mais críticos, sensíveis aos fatos do cotidiano, com uma visão politizada e interdisciplinar. Pode-se concluir que ensinar arte interdisciplinarmente, com o olhar voltado ao educando e ao seu, e nosso entorno é desafiador e, proporciona a todos os envolvidos uma leitura social, ética, política, estética, cultural mais aguçada do meio no qual vivemos, o que faz com que todos sintam-se sujeitos atuantes e transformadores da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Arte. Educação. Ensino Médio.

THE TEACHING OF ART - AT CURRENT CONTEXT CHALLENGE

ABSTRACT: Art is a subject that causes strangeness when worked and/or discussed in

different audiences. In the classroom it's challenging in front of different purposes from the students. At Colégio Politécnico da UFSM's high school, in Santa Maria/RS/Brazil, it's noticeable the concern from the students for having focus in a select process to college. This way, it becomes harder the challenge in front of the historical construction of conceptions and prejudices in society, about the importance of different subjects worked during the school period, especially at the high school. Therefore, it aims to present how the Art's teaching occurs at high school. The study is qualitative in nature, descriptive and performed collaboratively using observation to analysis and reflection. The observation occurred during the school year, in each class and activities proposed. The present discussion is supported by Freire (1996), Rios (2003), Barbosa (2005) and others. The classes are theoretically supported on different authors. Art and others subjects' articles are searched. The results of this kind of work developed have showed the formation of teenagers more critical, sensitive to the everyday facts, with a politicized and interdisciplinary vision. It can be concluded that teaching art interdisciplinarily, looking to the students and to their and our surrounding is challenging and provides to each one involved a sharper social, ethical, political, aesthetical, cultural reading of the environment we live, what makes us all feel acting and transforming the society.

KEYWORDS: Art's teaching. Education. High school.

1 | INTRODUÇÃO

Falar sobre arte é um desafio no atual contexto. E sobre o ensino e aulas de arte? O que mais ouvimos é: aulas de arte servem para que? Não tem muitas questões no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio)! Não serve para nada mesmo! Vamos estudar Matemática, Química, Física, ...!

Esses pré-conceitos, já estabelecidos se tornam um desafio quando vamos planejar uma aula de arte. Na sala de aula se torna maior o desafio, frente aos diferentes propósitos dos educandos.

De acordo com Dal'Maso e Oliveira (2011, p.725)

A concepção moderna de conhecimento racional estabelece uma divisão entre a racionalidade e sensibilidade, razão e emoção, ciência e arte. Na escola esta separação é compreensível, uma vez que o processo educacional se orientou e orienta no sentido da transmissão de conhecimento objetivo, racional e universal, sendo a arte considerada, na maioria das escolas apenas como atividade lúdica tendo como finalidade, a vivência artística, o prazer recreativo.

Ainda é significativa a visão de que o conhecimento objetivo e racional se sobrepõe aos demais tipos de conhecimentos, e a arte é uma das disciplinas que se envolve em uma eterna luta de sobrevivência nesse cenário, em diferentes escolas do país.

A presente discussão ocorre a partir das aulas de artes desenvolvidas no Ensino Médio do Colégio Politécnico da UFSM (Politécnico). O Politécnico é uma

das Unidades de Educação Básica, Técnica e Tecnológica localizada dentro da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM, no Município de Santa Maria/RS. O Politécnico oferece e desenvolve a Educação Básica (ensino médio), a Formação Inicial e Continuada, a Educação Profissional Técnica de nível médio (subsequente) e a Educação Profissional Tecnológica (14 cursos Técnicos subsequentes, 4 cursos Tecnólogos, 2 cursos de Pós-Graduação).

No Ensino Médio do Politécnico, há uma preocupação, por parte dos educandos, com os processos seletivos para o ensino superior. E então, como ensinar/trabalhar a arte em tal contexto?

Diante disso, o presente texto objetiva relatar como ocorre o ensino da arte e como é trabalhada a disciplina de Artes no Ensino Médio do Politécnico.

2 | O ENSINO DA ARTE ATRAVÉS DA VIVÊNCIA/EXPERIÊNCIA EM E COM AS ARTES

Os educandos que chegam ao Politécnico ingressam através de um processo seletivo realizado pela instituição. Dessa forma, os ingressantes são de diferentes escolas e de diferentes municípios.

Essa particularidade é observada e trabalhada nas aulas de artes para identificar o que os alunos vivenciaram e aprenderam sobre arte até então, e para se conhecerem melhor.

Para o desenvolvimento das atividades, inicialmente apresenta-se o objetivo da disciplina para o ano todo. E, a partir de cada uma das aulas, o planejamento é realizado considerando o que os educandos discutiram durante a aula anterior. O tema, que é observado nessas discussões com os educando, é teorizado e discutido novamente com maior intensidade. Os educandos são instigados para que façam suas observações/contribuições a partir de sua realidade, ressaltando a importância do respeito à opinião do outro, à cultura do outro.

Vivemos em uma sociedade multicultural. Nós educadores, temos o desafio de educar com uma ética para a diversidade, porque o ser humano precisa ser capaz de ouvir, despertar sensações, sentimentos e conviver com o diferente. Respeitar a sociedade, o professor, o aluno, a escola, as famílias, os diferentes credos é ser ético, pois, “o ético está muito ligado ao estético” (FREIRE, 2000, p.34), “uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas”, ou seja, “a prática educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza” (FREIRE, 1996, p.36).

Esse movimento estabelecido entre os envolvidos exige um esforço de ambos, pois esses se conhecerão e reconhecerão no próximo. Ao emitir minha opinião terá alguém ouvindo e interagindo e da mesma forma quando alguém emitir sua opinião

eu estarei ouvindo e interagindo com esse e os demais envolvidos. Esse ouvir e interagir faz parte das aulas e do planejamento para os diferentes momentos, das diferentes séries.

Na 1ª série trabalhamos inicialmente os conceitos de arte. A partir de estudos bibliográficos, observação, pesquisa de imagens, linguagens das artes, através de questionamentos se estimula o educando a refletir sobre dos temas que surgem em cada aula, para que eles construam o seu próprio conceito de arte, embasados naquilo que eles mesmos ajudaram a explorar. As diferentes linguagens da arte são vivenciadas por meio de visitas aos museus, exposições em diferentes espaços, oficinas com profissionais da área, com a construção artística, apreciação de diferentes documentários, vídeos, poesia. Durante esse processo a leitura de imagem é apresentada aos educandos, e esses vão realizando suas leituras a partir do que já vivenciaram até então.

Na 2ª série os educandos trabalham a História da Arte através da leitura de imagens. Explorar as imagens de cada um dos períodos que constituem a História da Arte e identificar as características dessas épocas, o contexto social, científico, cultural, político proporciona ao educando uma possibilidade de relacionar, de forma interdisciplinar, o que ele estudou nas demais disciplinas daquele ano, dos anos anteriores e com o seu próprio contexto.

O estudo de mídias e de imagens de obras de arte e de diferentes gêneros para o aprendizado de arte e da História da Arte desenvolve, nos sujeitos do processo, a percepção visual não somente da obra analisada, e sim do mundo a sua volta e, de seu entorno, contribuindo assim, à “construção de um olhar crítico no exercício de sua cidadania”; pensamento que vai ao encontro de Buoro (2003, p. 16) em seu estudo.

Para Barbosa (2005, p. 142), interpretar uma obra de arte consiste em situá-la, não só historicamente,

[...] mas também social, biológica, psicológica, ecológica, antropológica etc., pois contextualizar não é só contar a história da vida do artista que fez a obra, mas também estabelecer relações dessa ou dessas obras com o mundo ao redor, é pensar sobre a obra de arte de forma mais ampla.

Nas diferentes visitas a museus, à exposições, com as vivências do cotidiano, o educando é estimulado a fazer relações do que está presenciando com o que foi trabalhado nos diferentes períodos da história da arte e assim realizando a contextualização em um aspecto, artístico, social, político, filosófico, cultural, científico, etc.

O Museu se constitui, nesse processo, em uma instituição e/ou elemento importante para os educandos construírem suas diferentes concepções do que é

arte e como essa tem influência no desenvolvimento do ser humano e da própria história do Homem, bem como, o resultado da relação do homem com as diferentes épocas, culturas, espaços.

Na 3ª série estuda-se a arte brasileira através de documentários, artigos científicos e das vivências nos museus, exposições, pesquisas que o próprio educando realiza. Nessa série é trabalhada com maior afinco a Iniciação Científica, na disciplina de Projetos, enquanto que nas séries anteriores os educandos são estimulados a Iniciação Científica para irem conhecendo e familiarizando-se com o processo investigativo e a construção metodológica do conhecimento.

3 | VIVÊNCIAS/EXPERIÊNCIAS COM ARTES REALIZADAS PELOS ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO POLITÉCNICO DA UFSM PARA APRENDER, CONHECER/RECONHECER, SENTIR, COMPREENDER A ARTE

Trabalhar com a adolescência é uma experiência na docência muito instigadora e ao mesmo tempo desafiadora. Adolescentes conectados com as diferentes mídias tecnológicas são os sujeitos desse processo de aprendizado, assim como, o docente que ensina e aprende ao mesmo tempo com essa geração de adolescentes.

Como docentes precisamos ter consciência que estamos juntos em um processo de construção e formação constante e contínua, indo ao encontro de Freire (1996) quando ele trata a respeito da inconclusão do ser humano. E, a cada momento trabalhado com os educandos sinto, como professora, o quanto temos para aprender com eles, sendo assim “a consciência do inacabamento entre nós, mulheres e homens, nos fez seres responsáveis, daí a eticidade de nossa presença no mundo” (FREIRE, 1996, p.56).

Para o desenvolvimento das atividades nas aulas de Artes apresenta-se o objetivo da disciplina para o ano todo e, de cada encontro. O planejamento é realizado a partir de cada aula, considerando a discussão realizada na aula anterior. O tema, observado nas discussões é teorizado, discutido com maior intensidade e os educandos são instigados a investigar e a realizarem suas observações/contribuições a partir de sua realidade.

No início do ano faz-se uma exposição, em algum espaço disponível do Politécnico, com trabalhos de educandos do ano anterior, objetos de arte indígena, africana, objetos da natureza, uma instalação envolvendo objetos industrializados e da natureza (Imagens 1, 2, 3, 4). Os educandos, da 1ª série sentem-se, em um primeiro momento, surpresos, por iniciarmos uma discussão teórica a partir de uma exposição e não o contrário.

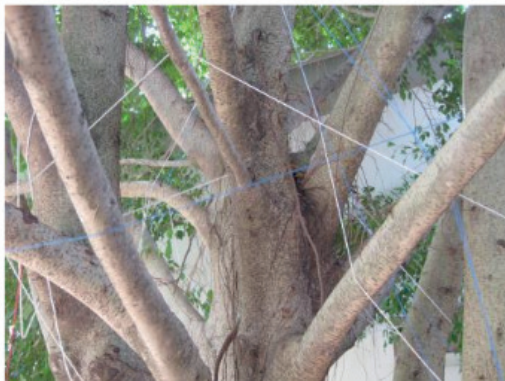


Imagem 1: Atividade realizada pelos alunos



Imagem 2: Atividade realizada pelos alunos

Esse momento foi muito construtivo porque o inesperado ocasionou estranhamento e com isso a reflexão de cada um foi a partir do que ele sentiu naquele momento, não foi a partir do conceito apresentado por um autor.

Esse diálogo que se construiu entre os educandos – professor – educandos – educandos a respeito dos diferentes conceitos de arte nos fez entender, também que é possível uma formação ética e estética. Para Freire (2002) a formação ética e estética acontece na sala de aula, no momento em que o aluno, o professor, a escola, a sociedade lutam juntos por uma educação conscientizadora e dialógica.



Imagem 3: Atividade realizada pelos alunos



Imagem 4: Atividade realizada pelos alunos

Desde o início do ano letivo são trabalhados os conceitos de arte. Esses, por sua vez, a partir da vivência, de estudos bibliográficos, observação, pesquisa de imagens, linguagens das artes, questionamentos, visitas a museus e exposições. Estimula-se a reflexão sobre diferentes temas para que os alunos construam os próprios conceitos.

Nas reflexões dos grupos em questão, polemizou-se o que é e não é arte, o grafite e a pichação. As dimensões que se destacam nesse processo são, de acordo

com Freire (1996), a epistemológica, a política e a estética.

No presente ano (2019), por ocasião de uma visita ao Museu de Artes do Rio Grande do Sul (MARGS) uma das salas de exposição do museu trazia obras sobre pichação e grafite. Esse momento foi aproveitado para continuarmos a discussão, surgida em uma aula anterior, sobre o grafite ser ou não ser arte, assim como a pichação.

Esse tema foi abordado com maior intensidade trazendo para eles, através de documentários e de vídeos, como é tratado o grafite e a pichação. No ano anterior, havia surgido essa mesma polêmica a respeito do grafite e da pichação como sendo ou não arte. No mesmo período, foi publicado nos jornais locais, a respeito desse tema em Santa Maria/RS trazendo espaços que adotaram o grafite em suas fachadas e muros. Após a reflexão, os alunos foram levados a esses espaços da cidade, que tem grafites e pichações, e eles puderam fazer a relação e diferenciação do que é grafite e pichação e como essas manifestações se relacionam com o espaço urbano e com a sociedade.

Nesse processo de construção o professor e o aluno estão engajados crítica e criativamente; ambos percebem suas realidades com um olhar crítico e constroem conhecimentos através desse diálogo. Para Freire (1996) o ato de criar, recriar objetos, de conhecer faz da educação uma arte. A educação assim é uma teoria e uma prática, um ato político, estético e ético.

Os educandos fizeram suas reflexões sobre a temática após as visitas aos diferentes espaços, e na sequência construíram propostas/projetos de pichação e de grafite.

Nesse aspecto, a tarefa fundamental da educação, da escola, ao construir, reconstruir e socializar o conhecimento, é formar cidadãos para que possam contribuir e atuar criticamente e criativamente no contexto social de que fazem parte, exercer seus direitos (RIOS, 2003).

Para a atividade avaliativa, os educandos escolheram um tema polêmico (na ótica deles) na atual sociedade e criaram um projeto de grafite e como o mesmo tema pode ser representado em forma de pichação.

Durante esse processo de construção, os educandos utilizaram das aulas de matemática onde foram estudados e trabalhados a geometria e as proporções espaciais com a finalidade de desenvolver a noção de espaço, de simetria, de escala, utilizados para a construção da proposta do grafite assim como da pichação. Outras áreas aparecem conjugadas na construção do conhecimento, como a química, a física, linguagens, a educação física, a sociologia, a filosofia, política, economia, entre outras em diversos aspectos da sociedade, da cultura e do ensino.

Os alunos realizaram tanto na aula de matemática como na aula de artes o estudo de escala de como adaptariam seus projetos em muros e/ou paredes, sempre

visando uma interdisciplinaridade e um olhar tanto crítico como preciso da imagem a ser construída. Sendo assim foi possível perceber que o grupo de educandos teve a oportunidade de rever e formar uma opinião a respeito das diferentes expressões, no caso do grafite e da pichação. Essa atividade foi realizada pelas três séries, sendo que cada uma delas trouxe as suas concepções de acordo com o que é proposto para cada uma delas.

Neste ano, a turma iniciante irá explorar os espaços da cidade de Santa Maria/RS, que são ocupadas por grafites e pichações, e realizarão um documentário a respeito do tema defendendo a sua concepção de grafite e de pichação naquele espaço.

A proposta desenvolvida por um dos grupos sobre esse tema, no ano de 2018 (Imagens 5, 6), foi submetida ao evento 2ª Mostra de Ciências e Matemática de Santa Maria, promovida pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIMAT) da Universidade Franciscana de Santa Maria/RS (UFN), que tem por objetivo “contribuir para alfabetização científica dos jovens na Educação Básica; despertar vocações científicas e tecnológicas; estimular os estudantes para que sigam uma carreira científico-tecnológica” (UFN, 2019). A proposta, com o título “Arte e Matemática: como trabalhar as semelhanças de dois diferentes?” foi uma das vencedoras e os alunos autores (3 alunos) receberam como prêmio uma bolsa de iniciação científica, do CNPq / Ensino Médio durante todo o ano de 2019.



Imagem 5: Atividade realizada pelos alunos



Imagem 6: Atividade realizada pelos alunos

A leitura de imagem, trabalhada concomitantemente com a História da Arte Universal e Brasileira, se dá, nos diferentes espaços e ferramentas. As diferentes tecnologias são utilizadas como meio para aprender e valorizar a arte criada a partir das diferentes tecnologias e a possibilidade de visitar sites de museus nacionais e internacionais.

A leitura de imagem é estudada, também, nas exposições e museus locais (Imagens 7), nas ruas da cidade, em museus de outras cidades como Porto Alegre (Imagens 7), Pelotas, Rio Grande, todos no RS e outros locais onde surgem exposições artísticas. Esses espaços são visitados com autorização dos familiares dos alunos e da própria direção do Colégio que oportuniza esse tipo de atividade, quando é possível.

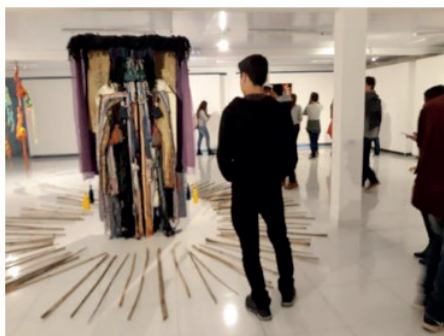


Imagem 7: Aula/visita no Museu de Artes de Santa Maria/MASM.



Imagem 8: Aula/visita no Museu de Artes do Rio Grande do Sul/MARGS.

Essas aulas realizadas nos museus são momentos oportunos e enriquecedores para a formação do ser humano no seu processo de ensino-aprendizagem. É um momento de resgate da nossa própria história como seres humanos e momento de contextualização.

[...] é preciso resgatar a dimensão do homem como ser social e cultural, leitor e intérprete, criador e criatura.

A obra de arte parece ser um objeto especialmente facilitador desse resgate, não só porque aglutina múltiplas formas do saber, mas principalmente porque uma obra de arte não é apenas objeto de apreciação estética; é fruto de uma experiência de vida desvelada pelo processo de criação do artista e pelo sistema de signos da obra (BUORO, 2003, p. 31).

O museu é um espaço que apresenta a arte de uma outra maneira, que nem sempre é possível na escola. Mostra a arte, nas suas diferentes linguagens, de outro ponto de vista, e essa oportunidade enriquecedora se torna um diferencial na formação do educando e do educador.

4 | CONCLUSÃO

Pode-se concluir que os desafios na Educação são molas propulsoras para não desistirmos desta tortuosa e doce profissão que é ser professor, por vezes ingrata, porém apaixonante a cada dia. No caso de ensinar arte, não é diferente, somos eternos aprendizes em um mundo que não para e, como sujeitos, que exercemos nosso exercício cidadão, temos o compromisso de não deixá-lo parar.

Trago algumas palavras dos próprios alunos para concluir a respeito dessa breve apresentação sobre como acontece o ensino da arte em um espaço, dentre todos os demais. Em um espaço, constituído por diferentes que convivem no respeito mútuo que a Educação exige para que a Escola tenha a oportunidade de acontecer/funcionar. Todos os professores, inclusive eu, professora de Artes, trabalhamos no ensino médio e, também dedicamos nossos saberes para fazer aulas nos cursos técnicos, tecnólogos, pós-graduação, que o Colégio Politécnico da UFSM oferece para a sociedade.

Esse tipo de aulas de artes realizadas na instituição proporciona aos educandos, no olhar dos mesmos, “uma oportunidade de questionar o nosso mundo a volta”; da mesma forma de “não se contentar com respostas rasas e sempre buscar mais”.

As aulas desenvolvem um “ensino como uma forma de desenvolvimento pessoal, social e político e não somente por uma nota”; “estimula a iniciação científica” o que faz com que o educando tenha a possibilidade de ir além de um único conceito e desenvolver suas concepções.

“Nos faz sair do nosso quadrado e buscar ver além do que nos está apresentado, o que pode estar além do que é visível”, isto é, a leitura de e do mundo. Proporciona ao educando “algo relacionado com o nosso melhor aprendizado e mais experiências para vida”. “Acho que as aulas de arte são importantes principalmente para o nosso repertório sociocultural”.

“Uma saída da ‘visão de cabresto’ em relação à arte em si e suas manifestações, como foi com a questão do grafite e pichação que a gente tinha aquela visão de que picho é aquilo feio e picho é crime. Por meio das visitas a museus a gente começa a ser inserido nesse meio que é algo quase impossível, porque normalmente a gente não procura esses lugares para lazer ou apreciar mesmo. Outra coisa legal, também, é a aula fora da sala de aula. É como se a gente tivesse uma aula de alguma ciência da natureza no laboratório vendo as coisas na prática. Nesse caso, a gente vê a arte na prática não só na teoria”.

Esse ensino da arte nos proporciona “algo relacionado a aprender com as vivências e tirar uma reflexão de cada uma” e é assim que, como educadora, me constituo diariamente onde aprendo com as vivências do cotidiano pessoal e profissional, e refletindo sobre cada uma delas me constituo um ser que continuo acreditando na Educação e em um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Arte educação contemporânea**: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da

arte na escola. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____ **A educação na cidade**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____ **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

DAL'MASO, Eunice Maria; OLIVEIRA, Ana Arlinda. Ensinar e aprender arte no ensino médio. In: X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE. Anais. (p. 724-736), PUC/PR, Curitiba, 2011. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4626_2410.pdf Acesso em: 01 de out. 2019.

RIOS, Terezinha Azeredo. **Compreender e ensinar**: por uma docência da melhor qualidade. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afetividade 28, 47, 51, 52, 54, 55, 57, 208, 268

Amazônia 110, 111, 112, 113, 118, 119

Aplicação 32, 36, 37, 40, 43, 58, 88, 96, 97, 100, 120, 121, 123, 124, 126, 128, 130, 145, 158, 179, 198, 199, 200, 201, 259, 261, 265, 266, 278

Aprendizagem 24, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 39, 40, 41, 42, 46, 48, 50, 52, 53, 54, 63, 70, 104, 105, 107, 109, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 129, 130, 140, 141, 143, 145, 146, 149, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 175, 177, 178, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 202, 207, 210, 214, 220, 221, 222, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 236, 237, 238, 239, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 276, 278, 296, 300, 301, 303, 305

Aprendizagem significativa 32, 40, 128, 154, 184, 186, 251, 252

C

Caderno virtual 120, 121, 122, 123, 126, 127, 128, 129, 130

Competência de leitura e escrita 82

Concurso público 100, 102, 104

Contextualização 135, 140, 143, 145, 146, 148, 149, 176, 248, 303

Criança 2, 4, 5, 7, 16, 24, 25, 30, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 64, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 185, 186, 187, 194, 201, 203, 259, 260, 261, 263, 264, 265, 269, 272, 273, 291

D

Deficiência intelectual 152, 153, 154, 157, 158, 159, 162, 164, 165, 166, 167, 169

Deficiência visual 203, 204, 205, 207, 209, 210, 211, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219

Didática 53, 104, 105, 122, 167, 177, 196, 277, 287

Discurso de ódio 88, 97

E

Educação a distância 104, 131, 170, 173, 181, 203, 218

Educação do campo 105, 109

Educação sensível 110, 111, 113, 116

Ensino de arte 132

Ensino médio 20, 21, 22, 23, 26, 29, 30, 31, 32, 35, 36, 41, 58, 97, 101, 102, 132, 133, 134, 136, 139, 141, 142, 143, 144, 147, 148, 149, 150, 228, 229, 230, 231, 244, 245, 247, 253, 255, 303

Ensino médio e superior 143

Ensino médio integrado 20, 21, 22, 23, 26, 29, 31, 97

Ensino-pesquisa-extensão 56, 58

Escrita 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 70, 82, 83, 84, 125, 127, 171, 187, 207, 214, 231, 232, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 288, 289, 291, 295, 296

Experiência 21, 22, 26, 27, 29, 30, 46, 48, 49, 65, 66, 68, 69, 70, 73, 74, 82, 104, 106, 108, 109, 115, 116, 118, 134, 136, 140, 141, 156, 158, 167, 182, 196, 198, 214, 218, 227, 232, 244, 252, 288, 289, 290, 291, 296, 304

F

Feminino 9, 60, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 118, 229

Formação 6, 9, 22, 23, 24, 31, 35, 41, 46, 47, 50, 55, 56, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 77, 87, 88, 98, 101, 102, 107, 109, 112, 120, 121, 122, 125, 126, 128, 129, 130, 132, 134, 136, 137, 140, 143, 144, 145, 146, 150, 162, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 194, 195, 196, 197, 199, 202, 222, 223, 227, 229, 230, 231, 233, 234, 239, 244, 246, 247, 249, 252, 253, 257, 261, 271, 273, 276, 279, 280, 281, 282, 283, 287, 297, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307

Formação docente 68, 71, 120, 126, 128, 130, 178, 180, 197

Formação pedagógica 120, 170, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181

I

Iemanjá 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119

Inclusão digital 69, 70, 74, 203, 204, 205, 209, 210, 216, 217, 218, 219

Inclusão social 68, 69, 70, 81, 100, 203, 204, 205, 207, 208, 210, 216, 217, 219, 305

Intolerância 88, 90, 91, 97, 98, 99

Isomeria geométrica 32, 33, 34, 36, 40

J

Jovens 20, 22, 23, 25, 27, 28, 29, 30, 139, 157, 161, 179, 180, 207, 222, 228, 229, 274

L

Lei dos grandes números 43

Leitura 15, 26, 27, 37, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 70, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 115, 117, 126, 132, 135, 139, 140, 141, 165, 169, 187, 200, 201, 207, 211, 220, 232, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 288, 296, 303

Leitura extraclasse 82, 84, 85, 87

Letramento o digital 68

Liberdade de expressão 88, 89, 90, 95, 97, 98, 99

Licenciatura 35, 71, 72, 74, 81, 131, 170, 173, 174, 180, 181, 198, 235

Liga acadêmica 56, 57

Língua de sinais 120, 122, 125, 126

Lúdico 35, 40, 41, 63, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 253, 273

M

Matemática 42, 45, 68, 100, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 133, 138, 139, 147, 150, 169, 173, 174, 203, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 244, 257

Metodologias 32, 33, 36, 52, 53, 58, 64, 70, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 152, 157, 167, 170,

180, 202, 211, 220, 222, 230, 231, 232, 233, 234, 237, 238, 247, 260, 304

Mídia digital educativa 120, 123

P

Palavras cruzadas 32, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 53

Poética oral 110, 111

Práticas de acolhimento 20, 23, 24, 27, 30

Probabilidade 43, 44, 45, 102, 108

Produção textual 20, 26, 82, 84, 85, 87

Programa mulheres mil 68, 75, 76, 78

R

Recurso didático 32, 41, 122, 128, 166

Recurso metodológico 38, 152, 153, 165, 166

Recursos pedagógicos 198

S

Sexualidade 1, 3, 4, 5, 7, 16, 17, 18, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 307

Significação 47, 50, 115, 235

Sujeito ativo 82, 162

T

Tecnologias assistivas 203, 206, 215, 216

Tolerância 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 271

